

V. C.

voy Pi 11 a 1

voy Pi 11



SAVO

vey Ri 11a2



HERMOSA

VOY Pilla3



Formosa

CARTAS A ARTHUR GREGORY

Tradução do italiano

I

Partiste, levando a promessa de um telegramma que contivesse apenas uma palavra, na qual fosse resumida a historia dos meus ultimos amores, então no seu primeiro periodo.

Essa palavra devia conter o prologo, a acção e o epilogo. Tu mesmo a designaste, e mais facil me fôra agora escrevel-a do que fazer-te a narração minuciosa dos acontecimentos todos.

Mas prefiro *antes* esta narração; será o castigo que me imponho pela fraqueza de não ter sabido conter-me.
Ouve.

—
Era no theatro Gerbino, em Turim.

Representava-se naquella noite o proverbio de Ferdinando Martini—*Chi sa il gioco non l'insegna*.

O espectáculo, porém, começara por uma cantata, executada por todos os artistas, ~~em~~ comemoração da libertação da Italia.

Estavamos ~~ambos~~, tu e eu, na primeira linha das cadeiras, e ambos trocámos um sorriso de saudação com o artista Martinez.

Foi ahi que começou o meu romance.

Entre nós e o artista, achava-se ella no palco, ella a esplendida Heleodora, a actriz dos cabellos negros e fórmas esculpturaes, de quem dizia o espirituoso desenhista do *Spirito Folleto*:

— Servio de modelo para a Venus de Milo.

O sorriso que eu enviára ao artista não chegou ao seu destino; foi por ella acolhido na passagem, e retribuido por outro sorriso, que lhe descerrou os labio de coral, pondo a descoberto aquellas duas fiadas de alvas e nitentes perolas a cujas dentadas fôra ventura morrer.

De então em diante, como viste, não falhei mais ás representações daquelle theatro, a cujo perystilo, na entrada e sahida, occulto na sombra, esperava a chegada ou partida de sua carruagem elegante, para saudal-a e vê-la passar.

Era um sorriso, um só, era um olhar, um unico olhar daquellas pupillas negras de Madrilense, escoado através das pestanas sedosas que lhe amortecem o fogo, o que eu mendigava sentado na stalle da orchestra, ou escondido na sombra do perystilo.

Uma noite, porém, ao chegar ao theatro, o conde Bahini deu-me o braço e levou-me para a passagem que conduz ao foyer, fallando-me de negocios que interessavam-nos a ambos.

Mal havíamos, distrahidamente e por mero acaso, penetrado nessa passagem illuminada e cercada de bancos, onde, como sabes, se reúnem de ordinario os artistas antes de se recolherem aos seus camarins, entrou Heleodora.

O conde conhecia-a.

Ella encaminhou-se para elle e estendeu-lhe amigavelmente a mão, sem inclinar, sequer a cabeça perante o gesto de respeitoso e acanhado comprimento que lhe dirigi.

Trocadas as primeiras palavras de amabilidade entre elles, Heleodora pareceu curiosa de um camapheu que o conde trazia na gravata, e, inclinando-se para melhor e mais perto examinal-o, voltou o corpo como dando-me costas, e apertou-me a mão, occultando esse movimento nas amplas dobras do vestido negro que trajava então, e que tanto faz destacar a sua descommunal belleza.

O que senti naquelle momento, sinto-o ainda; unicamente não sei dizel-o, nem sei que haja quem possa com todas as côres da verdade descrever a sensação desse primeiro contacto entre o homem e a mulher amada.

Preencha essa lacuna a tua imaginação de poeta e moço.

Voltando-se depois para mim, quando já se despedira do conde e ia entrar no theatro, disse com affectado desembaraço:

— Não o encarregaram, Sr. cavalheiro, de um recado para mim?

— Sim, minha senhora, respondi eu, surpreso e sem saber mesmo o que respondia.

— Suba então no intervallo do segundo acto; espero-o. E partio.

Questões anteriores, sobre autoria de peças e apreciações artisticas, haviam arrefecido minhas relações com a administração do theatro, e eu já não frequentava desde muito os bastidores.

Não acudi, pois, ao gracioso convite.

Mais tarde, passado o intervallo que me fôra marcado, e quasi no fim do espectáculo, aproximou-se de mim o escriptor Almieri, o bom diabo que tu conheces, mais amigo dos artistas do que de si, principalmente mais amigo das actrizes, e disse-me com aquella volubilidade que é o seu traço mais característico, a não o ser a proeminencia do seu abdomen:

— Dou-te os parabens, *carino mio*.

— Agradeço-t'os; mas porque? respondi-lhe sem maior curiosidade.

— Pela conversação que acabo de ter com Heleodora.

— Ah! exclamei, procurando já disfarçar a curiosidade ardente que me devorava.



E, imitando-lhe a volubilidade, accrescentei com fingida displicencia:

— E que te disse de mim essa Heleodora, a formosa, como chamam-n'a?

Almieri avolumou ainda mais o seu ventre, empertigando-se todo, e narrou um dialogo, que por meu turno vou narrar-te.

— Dize-me cá, *carino*, tu que sabes tudo; porque frequente agora o cavalheiro Vicenzi tão assiduamente este theatro? perguntou ella.

— Para vêr-te e admirar-te, respondeu elle amavelmente; o cavalheiro Vicenzi faz como todos, e todos imitam-me a mim.

— Não ha. então grande merito no procedimento delle, desde que é um procedimento commum.

— Ha, porque elle ama-te, e de um amor ardente.

— Disse-t'ó?

— Não, mas vê-se. Elle procura fazer-te a côrte.

— Pois nesse caso tem uma exquisita maneira de fazer a côrte. Não se faz comprehender.

— Ah! tu conheces o rifão: *piano, piano...*

— Mas o cavalheiro tem uma amante.

— O que não o impede de procurar outra que a substitua.

E' mais uma victoria para a tua belleza.

E Almieri afastou-se, deixando Heleodora pensativa.

Pensativo fiquei eu tambem após esta confidencia, e retirei-me logo do theatro, sem esperal-a essa noite no perystilo.

Tu assististe á communicação que Almieri me fez, e acompanhaste-me á casa, porque tinhas na madrugada seguinte de partir para Florença.

O perigo que entrevia no amor daquella mulher, o estranho e ardente desejo que para ella me arrastava, travaram em mim uma luta, para cujo desenlace em vão busquei um meio que não me afastasse do dever, nem da dignidade propria, mesmo em relação a ella.

Mas o primeiro passo estava dado, e em assumptos destes não ha parar no declive onde se arriscou o primeiro passo.

Tanto mais que eu já não procedia por vontade propria; cedia á imposição de um prestigio estranho, que me pungia e deliciava a um tempo.

Foi guiado por esse fatal poder que na noite seguinte achei-me sentado nas «stalles.»

Apezar de haver grande concorrência ao espectáculo dessa noite, em que se representava uma peça nova para estréa de uma actriz que entrava em competencia com a formosa Heleodora, conservara-se desoccupada a meu lado a cadeira immediata á minha.

Já havia começado o primeiro acto, e eu procurava prender a attenção ao desenvolvimento da peça, quando o ruge-ruge de sedas comprimidas attrahio-me o olhar para a entrada da orchestra.

Foi um deslumbramento.

Naquella noite, como em as noites de primeira representação, o theatro enfeitára-se, quer nos camarotes, quer na platéa, de formosas damas ataviadas do mais apurado luxo e riqueza de enfeitos, em cujos brilhantes irizava-se a luz dos bicos de gaz.

Nenhuma daquellas bellezas me fascinára.

Mas quando ella penetrou na sala, pois que era ella a formosa Heleodora, fiquei deslumbrado, repito.

E no entanto, vê tu:

Trajava um vestido negro, sem folhos nem enfeites, liso e simples, que em outro qualquer corpo se-



ria uma mortalha, mas que no corpo della, ás ondulações de cujos contornos desenhava as suas fórmulas amplas e opulentas, parecia a clamyde de uma deusa. e/

Por toucado, inclinava-se-lhe sobre a orelha um desses chapelinhos á hespanhola, de abas redondas e voltadas, adornado apenas com uma borla em fórmula de tope; e nos cabellos negros, atados com adoravel descuido, era uma rosa vermelha, vermelha quasi como os labios bella, o unico enfeite.

No collo, nas orelhas, nos braços, nem um brilhante trazia, ella que possui os mais bellos brilhantes de Italia.

As mãos conservava-as nuas; apenas um argolão de ouro cingia-lhe o braço.

Nenhum enfeite nos dedos, sinão um anel que cingia na cravação delicada uma simples turqueza, e as petalas de rosa que lhe são as unhas.

E no entanto, apezar daquella simplicidade, era a mais formosa de todas, como patenteou o geral murmúrio de admiração que se fez ouvir ao seu apparecimento na sala.

Sem dar mostras de reparar no effeito causado, como quem de antemão sabe o effeito que vai produzir, Heleodora passou indifferente, e veio occupar a cadeira que estava vazia a meu lado, dirigindo-me apenas uma ligeira inclinação de cabeça e um daquelles sorrisos adoraveis cujo segredo ella só tem, e pelos quaes conta os triumphos nas suas conquistas de almas e corações.

Imagina tu, meu amigo, o que eu senti então.

Era uma mistura de orgulho e acanhamento, de amor e medo, de felicidade e respeito, que vibrava em mim todas as cordas da sensibilidade.

O que mais se representou, não sei; só tinha o olhar para vel-a, ou antes para contemplar-lhe a

imagem, pois que me não atrevia a fital-a, e não via aquillo para que olhava.

Quando o panno desceu ao ruido dos applausos, ella pareceu então reparar em mim, e, voltando-se levemente para meu lado, perguntou :

— Tem medo de mim ?

— ... Tenho ! balbuciei após alguma hesitação.

— Medo até para me dizer porque ?

— Medo até para lhe dizer que o tenho.

— E... e para escrever ? perguntou com certos laivos de malicia.

— Se me autoriza a fazel-o, talvez, respondi.

Ella sorriu-se, e poz-se a olhar distrahidamente para os camarotes. 8/1

Em um *palco sul proscenio*, camarote de boca, olhavam-se e sorriam-se dous amantes.

Heleodora contemplou-os alguns instantes, e murmurou depois, como se fallasse comsigo mesma :

— Dizem que é bom amar assim.

— E será melhor sem duvida ser assim amada, murmurei no mesmo tom.

Ella encarou-me fixamente, e o seu olhar de fogo queimou-me as faces.

Depois, sem dizer uma palavra, sem modificar a expressão calma do semblante, continuou a olhar para os dous enamorados do camarote. 8/1

De repente, voltou-se para mim e disse :

— Prometto ler o que me escrever.

E, roçagando a seda do vestido, ergueu-se rapidamente e sahiu da sala.

Deixava-me uma promessa ; mas levava-me a alma.



III

No espectáculo seguinte, estava eu sentado na minha cadeira, e cogitava, não no meio de entregar-lhe a carta que escrevêra, mas se devia ou não entregar-lh'a, quando ella entrou, e como na vespera veio sentar-se junto de mim.

Fallou-me indifferentemente, com certa volubilidade, sobre varios assumptos, já criticando de suas collegas que estavam em scena, já de um ou outro incidente que se dava na sala, mas nunca tocando no objecto que fôra a nossa conversação da noite antecedente.

Tão deslembada a vi, e tão alegre e despreoccupada estava então, que cheguei a convencer-me de que Heleodora tudo esquecêra ; cheguei mesmo a acreditar que havia sonhado, que tudo quanto até então se passára não era mais do que uma allucinação da minha phantasia exaltada pela prestigiosa formosura daquella mulher.

Retrahia-me já, e envergonhava-me na minha intimidade, quando o panno desceu.

Ella acompanhou os demais espectadores nas palmas com que applaudiam o final do acto, e, voltando-se bruscamente para mim, disse em tom de quem estava certo de que ia ser obedecida :

— Dê-me a carta.

Sorpreso, atonito com aquelle inesperado repente, sem reparar na publicidade do meu procedimento, levei a mão ao bolso e apresentei-lhe o papel.

Ella recebeu-o e sahiu, deixando-me ainda mais surprehendido da promptidão com que eu lhe obedecêra.

Apenas começou o segundo acto, ella voltou.

No meio da representação, que parecia estar prendendo-lhe a curiosidade, ella disse-me, sem afastar da scena o olhar :

— Já li.

E, passados instantes, perguntou :

— E' verdade o que affirma ?

— Escrevi o que sentia, balbuciei.

E, como Heleodora se conservasse calada, por minha vez perguntei, após alguns momentos :

— Acredita ?

Ella ~~voltou-se~~ para mim, fitou-me aquelles olhos negros de hespanhola, e respondeu :

— O senhor é impaciente.

— E não tenho razão ? tornei, já mais animado.

— Eu esperei vinte e quatro horas pela sua carta.

Percebi que ao cabo de igual prazo ella me entregaria a resposta escripta.

No entanto insisti :

— Diga ao menos uma palavra que me sirva de conforto durante estas longas vinte e quatro horas.

— Uma palavra?... seja.

— Uma só, aceito.

— Pois bem, respondeu ella : supponha que a está ouvindo.

— Estou suppondo.

— E' a ultima palavra da sua carta.

E voltou-se de novo para a scena, emquanto eu me sentia enlevado na musica que devia ser e é aquella palavra coada pelos seus labios humidos e vermelhos.

De tres paginas era a carta que eu lhe escrevêra, mas lembrava-me de tudo quanto ella continha, e a ultima palavra era esta :

— Amo-te !

Concluido o segundo acto, Heleodora ergueu-se, dizendo-me apenas :

— Amanhã vou á opera.

E partio.

~//~

IV

Eram nove horas da noite, quando eu atravessei a *piazza Castello* e penetrei no theatro Reggio, que, sob sua fórma e construcção antiga, disfarçada na variedade das decorações em que a aristocracia ostenta o luxo de suas casas, é ainda um monumento encrustado no palacio real de Turim.

A sala regorgitava de espectadores, que acudiam a uma primeira representação da *Favorita* de Donizetti.

Na primeira fila da orchestra estava Heleodora, e a seu lado o gordo banqueiro hespanhol D. Christobal, a quem dizem dever a formosa artista o luxo que ella adorna com a sua belleza esplendida.

Junto delles havia uma cadeira vazia.

O acaso, esse amigo officioso sempre para os que amam, como para os que odeiam, tinha-me dado a conhecer os numeros dos logares que occupariam naquella noite o banqueiro e a formosa artista.

Estava eu no escriptorio de Almieri, o obsequioso jornalista, quando elle fechava dous bilhetes de stalle em um envelope que sobrescriptou ao banqueiro.

Dirigi-me ao theatro e consegui obter a cadeira immediata á delles.

Entrei na sala, fingindo não vê-los, mas caminhando em direcção a ambos, e alongando a vista como para encontrar o meu logar :

— Ah ! exclamou ella, como sorprendida pela minha presença.

Voltei-me então, e saudei-os.

D. Christobal retirou de sobre a cadeira vaga o chapéo, e offereceu-me o logar a seu lado.

— Não terá dono ? perguntei.

— Creio que não, respondeu-me elle ; em todo o caso, far-nos-ha companhia emquanto o dono não chegar.

Um olhar de Heleodora convidou-me a aceitar o offerecimento.

Sentei-me.

Alguns momentos depois, o panno descia sobre o primeiro acto, ao entusiasmo dos applausos que festejavam o duetto final, um dos triumphos da Nerolini.

Trocadas algumas palavras sobre o merecimento dos artistas e execução da opera, Heleodora disse ao seu gordo banqueiro :

— Agora pôde sahir; o Sr. cavalleiro Vicenzi me fará companhia...

E, dirigindo-se a mim, com aquelle escravizador sorriso que é sómente della:

— Não é?... accrescentou.

— As felicidades não se recusam, minha senhora! respondi.

— Então... se permite, disse D. Christobal, erguendo-se e estendendo-me a mão.

Inclinei-me, descalçando a luva, e elle sahio.

Apenas o vi em distancia, debrucei-me sobre a cadeira que ficára vazia entre mim e Heleodora, e murmurei:

— Eis-me aqui, e são passadas vinte e quatro horas...

Heleodora levou a mão ao seio, por entre a abertura das rendas, e respondeu depois de fitar-me por alguns instantes com aquelle seu olhar lubrico e avelludado:

— Deixe cahir a sua luva.

Obedeci.

Então ella, retirando a mão que escondêra no seio, apanhou a luva com o mais natural dos gestos e entregou-m'a.

Recebi-a, e, descalçando a outra, occultei-as ambas no bolso, com a carta que viera envolta na que Heleodora me entregára.

— Consente que saia para ir lêl-la?

— Oh! não! supplicou ella; fique, fique toda a noite junto de mim.

— Mas porque demorar mais a felicidade?... Se é uma

desventura, porque não hei de soffrer immediatamente o golpe?

— Desventura ou felicidade, espere por ella. E' tão difficil esperar junto de mim?

Ya protestar, mas fui atalhado por um gesto de adoravel imponencia, acompanhado destas palavras:

— Desde quando não obedecem os escravos á sua rainha?

Inclinei-me, e ia responder, quando um olhar della impoz-me silencio.

Era D. Christobal que se approximava.

O resto da noite, pôdes imaginar como o passei.

Era de um lado o encanto da proximidade de Heleodora; de outro o desejo ardente de conhecer o conteúdo da sua carta.

Foi esse o meu primeiro cuidado ao recolher-me á casa. Eram poucas as palavras que encontrei escriptas no papel perfumado, a que vinha adherente uma flôr symbolica.

Mas tu sabes que, por maior que seja o céo, pôde a mulher, quando lhe apraz, encerrar-o em um simples vocabulo, em um sorriso, em um olhar.

E Heleodora, melhor do que ninguem, possui esse condão fatidico.

Nas poucas palavras que ella escrevêra encerrára as promessas do céo.

— // —

— O Sr. cavalheiro fará o que lhe pego? perguntou ella.

— Farei! respondi.

Heleodora fez um gesto á criada, que depoz a salva sobre um movel e retirou-se.

— Vê que confio na sua promessa, disse ella iadicando a sahida da criada.

— Agradeço a confiança; mas sinto que o esforço para merecel-a é superior á minha vontade.

— Eu recompensal-o-hei.

— Como?

— Sacrificando talvez a minha illusão de ser amada.

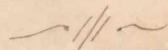
E pondo-me os dedos nos labios para impedir-me de responder:

— Não proteste! acrescentou. **Nós** estamos compondo um romance, em que ha sempre vinte e quatro horas entre um capitulo e outro. Prometto-lhe que daqui a vinte e quatro horas...

— Será a mais adorada das mulheres! interrompi.

— E o senhor o mais infeliz dos homens, talvez... disse ella com adoravel modestia.

E apresentou-me a formosa mão, que beijei, retirando-me precipitadamente, com receio de não poder cumprir, se me demorasse mais tempo, a promessa que acabava de fazer.



VI

Naquella noite não fui ao theatro.

Sentia-me necessitado de não vê-la para poder esperar.

No dia seguinte, porém, não deixei que soasse a hora aprazada, e antes do meio-dia eu subia a escada do *palazzetto* de Heleodora.

Recebeu-me a trastaverina, aquella graciosa *ragazza* que Almieri reserva para uma de suas futuras conquistas, quando a elle se lhe avance a idade e arredonde mais o ventre, e a ella favoreça a sorte.

— A senhora ainda está dormindo! disse-me a criada.

Reconheci então a minha precipitação, e quiz reparar a inconveniencia, retirando-me.

— Mas acompanhe-me! tornou a rapariga com malicioso sorriso. Ella recommendou-me que acordasse-a ao meio-dia. Vamos acordal-a.

E pôz-se a subir a escada que levava aos aposentos superiores.

Segui após ella, sem mais hesitação.

Sentia-me arrastado por estranha febre.

Chegados acima, alongámos um pequeno corredor, em cuja extremidade a criada parou e ergueu o reposteiro de sêda, dizendo-me:

— Entre.

Dei um passo mais e parei.

Parei deslumbrado, oppresso, palpitante.

São grandes as venturas e glorias, os prestigios e deslumbramentos que as mãis dizem aos filhinhos, e os ripansos a todos, havemos de encontrar dentro do céu, se para lá formos um dia.

Eu penso que a idéa por nós formada de taes esplendores está muito áquem do que elles são, e que a surpresa excederá a expectativa.

Foi o que me succedeu, ao penetrar naquella

alcova, ou antes naquelle templo.

Templo pagão, de accordo; mas em todo caso um templo.

Conheces as descripções que a tradição, e mesmo as escavações recentes, nos fazem das alcovas das hecrairas gregas.

Pois era assim o aposento de Heleodora.

Mil objectos de arte, artisticamente dispostos de modo a apparentarem uma pretendida confusão e curiosa desordem, irritavam a curiosidade ao mesmo tempo que revelavam o sentimento e gosto de quem presidira á organização daquelle cahos, de quem ordenára aquelle harmonioso desarranjo.

Junto do leito, sobre um movel de xarão marchetado, via-se um livro aberto, *Les Parisiennes* de Arsène Houssaye.

Uma faca de marfim marcava a ultima pagina cortada e lida, e cujas linhas sem duvida tinham-se baralhado confusas através dos cilios donde se escoava o olhar que as percorria somnolento.

Afigurava-se-me que aquelle livro estava escripto com os caracteres e linguagem de que serviam-se os poetas da antiga Athenas para celebrar os meritos das Aspacias e Phrynéas.

O leito, o sumptuoso leito, occupava o meio do vasto aposento.

Alvos e finissimos lençóes, descidos a meio, accuavam sob as macias dobras contornos de pureza e correcção extrema, cuja parte superior mal encobriam os rendados da diaphana camisa.

Sobre a almofada, cuja sêda azul transparecia em suavizados tons atravez do delicado crivo das fronhas alvissimas, e apoiada ao braço dobrado em arredondada curva, repousava a cabeça de Heleodora.

Dormia a formosa, e dormia sorrindo.

Os seus cabellos ondeados, enroscando-se em caprichosas e assetinadas madeixas, semelhavam ne-

gras serpentes a dormir lascivas, estendidas molliemente pelo semblante, pelo collo e pelas espaduas opulentas de uma estatua de marfim.

Pelos intersticios das venezianas e pela transparencia dos cortinados descidos, coava-se uma luz frouxa e suave, que tingia de macios tons aquelle quadro esplendido.

De mistura com a luz vinham as brisas roçadas nas aguas do Pó trazer os cheiros dos laranjaes em flôr que vestem os montes de além, e refrescar o ambiente já perfumado pelo halito da formosa adormecida.

Eu conservava-me extatico, absorto, embevecido a contemplar toda aquella magia, quando um relógio, cujo mostrador de porcellana internamente illuminado apresenta as horas á agulha fixa e curva, bateu timidamente as doze pancadas.

Heleodora estremeceu e fez um movimento.

Depois distendeu languidamente os braços, seu corpo ondulou sob as alvas roupas no gracioso espreguiçar das indolentes angorás, e, discerrando os olhos, voltou-os para meu lado, tentando evitar o primeiro contacto da luz.

Vio-me então, e, soltando um ligeiro grito, mistura de surpresa e pejo, puxou rapidamente o lençol indiscreto, e escondeu nas mãos o rosto enrubecido.

Quando, passados instantes, a pouco e pouco afastou as mãos e animou-se a olhar-me, encontrou-me ajoelhado e supplice aos pés do leito.

Eu implorava o perdão da minha ousadia.

Heleodora fez um gesto, um só.

Concedia-me o perdão, e com o perdão as venturas supremas.

VII

— E o senhor o mais infeliz dos homens, talvez...

Estas palavras dissera-me Heleodora, ao marcar-me o momento que devêra fazel-a a mais adorada das mulheres.

Pois tinha razão.

Todas as suaves agonias que constituem o gozo supremo, as mais agradaveis e irritantes sensações, os prazeres mais refinados, os requintes dos mais ardentes desejos, tudo quanto a mente exaltada crêa, tudo quanto póde a mocidade e a belleza incendidas pelo amor, tudo gozei naquellas rapidas horas de secreta intimidade.

Heleodora sentia-se amada, e o seu corpo vibrava em estremecimentos convulsos e apaixonados.

Ella mesma o dizia, com entrecortada e sumida voz :

— Oh ! como é boa esta crueldade de me fazer amada assim !

E no entanto, ella o dissera tambem, eu sou o mais infeliz dos homens, talvez...

Cleopatra, a nova Isis do Egypto, tão formosa quasi como Heleodora, erguia o escravo até a altura do seu thalamo.

Quando, porém, os primeiros albores da manhã os vinham despertar do sonho de amor, a formosa rainha mandava decepar a cabeça ao escravo a quem os seus lubricos affagos haviam feito rei.

E eu sinto ainda nos hombros a cabeça saturada dos seus beijos lascivos.

..... :

Disperto neste momento.

São oito horas da manhã, e o kalendario que me fica em frente do leito indica a mesma data da noite em que te despediste de mim, levando a promessa de que em Florença, para onde ias partir, receberias noticias dos meus ultimos amores.

Os meus ultimos amores !...

Foi tudo illusão !

Os episodios que ahi ficam narrados, creou-os a phanta-

sia, impressionada pela conversação que tivemos ao separarmo-nos.

São ainda o prestigio fatidico daquella esplendida belleza.

Pois de real em toda esta narração existe apenas Heleodora, a formosa.

Tudo o mais foi um sonho.

FIM



Vcy Pi Ha 23

